

CAPÍTULO 1

HOJE

19 de novembro, meio-dia

A CAMPAINHA DA PORTA ESTAVA TOCANDO. Michael ouviu, mas não queria acordar, pois o sonho que estava tendo era ótimo. Ele dirigia o jipe por uma estrada montanhosa com o rádio a toda e Kristin estava ao lado com os pés descalços no painel, rindo com a cabeça jogada para trás, o cabelo louro sacudindo ao vento que entrava pela janela aberta.

A campainha soou outra vez em uma série de toques curtos. Quem quer que fosse não iria embora.

Michael tirou a cabeça do travesseiro. Por que havia um saquinho vazio de Doritos ao lado de sua cara? Olhou para os números luminosos do relógio: 11h59. Assim que esfregou os olhos, eles indicaram meio-dia.

A campainha tocou outra vez.

Michael tirou o cobertor e colocou os pés no chão.

— Tá bom, tá bom, segura as pontas — resmungou. Pegou um roupão atrás da porta e saiu do quarto arrastando os pés. Conseguiu distinguir um vulto pelo vidro opaco da porta da frente: alguém de parca e capuz na varanda. Michael aproximou-se.

— Também estou te vendo, Michael. Abre essa porta logo, está um gelo aqui fora.

Era Joe Gillespie, seu editor na *Eco-Travel Magazine*.

Michael destrancou e abriu a porta. Uma chuva fria atingiu suas pernas nuas enquanto a visita passou por ele.

— Da próxima vez vou arrumar um emprego no *Miami Herald* — Gillespie disse, batendo os pés.

Michael pegou um exemplar encharcado do *Tacoma News Tribune* da varanda e olhou para os picos encobertos das Cascades, a cadeia de montanhas no horizonte. Tinha sido justamente por isso que ele comprara a casa

— pela vista. Agora era só uma péssima lembrança. Sacudiu o jornal e fechou a porta.

Gillespie estava pisando no tapete surrado — aquele que Kristin havia feito — com água pingando da parca. Ele tirou o capuz, e o pouco cabelo que lhe restava ficou em pé.

— Você não olha mais seus e-mails? — Gillespie perguntou. — Ou quem sabe a secretária eletrônica?

— Não se eu puder evitar.

Gillespie soltou um suspiro de frustração e olhou a bagunça ao redor da sala de estar.

— Meu Deus, Michael, você é acionista da Domino's? Devia ser.

Michael notou de fato algumas caixas de pizza e garrafas vazias de cerveja espalhadas pela mesa de centro e em cima da lareira.

— Vai se vestir — Gillespie disse. — Vamos sair para almoçar.

Michael, ainda meio tonto de sono, ficou parado com o jornal molhado na mão.

— Anda, é por minha conta.

— Me dá cinco minutos — falou, jogou o jornal para Gillespie e saiu para se aprontar.

— Te dou dez — Gillespie gritou. — Aproveita para tomar banho e fazer a barba.

Michael acatou a sugestão. Dentro do banheiro, ligou a água quente e o aquecedor portátil — a casa era fria, com muitas correntes de ar, e ele nunca cumpriu a promessa de fazer isolamento térmico e alguns reparos. A água levaria um ou dois minutos para aquecer. O armário acima da pia estava aberto com meia dúzia de frascos de medicamentos controlados nas prateleiras. Ele pegou um na parte de baixo — o mais recente antidepressivo que o terapeuta receitara — e engoliu um comprimido com um pouco da água, que já estava morna.

Então, apesar de temer o que iria ver, fechou o armário e olhou o reflexo no espelho. O cabelo preto estava mais revoltado do que de costume, desgrenhado de um lado e achatado do outro. Os olhos estavam vermelhos e opacos. Não fazia a barba havia alguns dias e podia jurar — era possível? — que, mesmo com 30 anos recém-completados, uns poucos fios do queixo já nasciam grisalhos. O avanço implacável do tempo... droga. Trocou a lâmina do barbeador e o passou impaciente pelo rosto.

Após um banho morno, ele vestiu um jeans, uma camisa de brim e as botas mais limpas e secas que conseguiu achar ao lado da porta da frente.

Gillespie estava esparramado na poltrona de couro surrada, descolando com cuidado as páginas do jornal.

— Tomei a liberdade de abrir as persianas e deixar entrar a luz. Era bom que você fizesse isso de vez em quando.

Foram no carro de Gillespie — um modelo híbrido, é claro — à mesma lanchonete de sempre. Embora o local não fosse recomendável pela decoração, com assentos de vinil, chão de linóleo e um carrossel de tortas iluminado por uma chamativa luz branca, Michael adorava ir ao Olympic. Era melhor do que encarar um fast-food ou, Deus o livre, um Starbucks, e ainda servia café da manhã o dia inteiro. Michael pediu o especial com três ovos, salsicha, presunto e bacon, e Gillespie escolheu uma salada grega com uma porção de queijo cottage e uma xícara de chá de camomila.

— Opa — Michael disse. — Tem certeza de que não está pegando pesado? Gillespie riu enquanto colocava meio sachê de adoçante no chá.

— Ah, pro diabo! O almoço é por conta da empresa.

— Sendo assim, vou pedir sobremesa.

— Boa ideia — disse Gillespie. — Quero ver você comer a torta de limão com merengue.

Era uma piada recorrente entre eles, que a torta de limão com merengue no topo do carrossel não havia sido tocada e muito menos substituída nos cinco anos em que frequentavam a lanchonete.

Enquanto comiam, Michael não deixou de notar que Gillespie havia colocado um envelope da FedEx no assento ao lado. De vez em quando o editor tocava nele só para ter certeza de que ainda estava ali. Devia ser algo importante, Michael pensou, e, como não fora deixado no carro, provavelmente tinha a ver com ele.

Falaram sobre a revista — um novo editor de fotografia foi contratado, o número de anunciantes aumentou e a bela recepcionista tinha se demitido — e os Seattle Mariners. Às vezes, Gillespie e Michael iam juntos ao Safeco Stadium ver os jogos de beisebol. Não falaram sobre Kristin — ele sabia que Gillespie estava evitando o assunto — nem sobre o envelope, até que Michael comentou a respeito enquanto catava o resto dos ovos com um pedaço de torrada.

— Tá bom, vou morder a isca — disse gesticulando com a borda da torrada. — O suspense está me matando.

Por um instante, Gillespie fingiu não saber sobre o que ele estava falando.

— Essa é a diagramação da minha reportagem sobre o parque Yellowstone?

Gillespie olhou para o envelope e retraiu os lábios, como se estivesse tomando uma decisão.

— Não, a reportagem de Yellowstone saiu na edição do mês passado. Parece que você parou até de *ler* a revista.

Michael sentiu que foi pego no flagra — até porque era verdade. Ele mal abrira a caixa de correio, acessara a internet ou retornara telefonemas nos últimos meses. Todos entendiam os motivos, porém cada vez mais Michael percebia que as pessoas estavam perdendo a paciência com ele.

— Acho que você deve dar uma olhada nisso aqui — Gillespie disse ao arrastar o envelope pela mesa.

Michael limpou os dedos no guardanapo, abriu o pacote e tirou a papelada de dentro. Havia fotos — algumas em preto e branco pareciam imagens de satélite — e uma série de papéis com o nome e a logomarca da National Science Foundation no topo. Muitos estavam marcados com “Point Adélie”.

— O que é Point Adélie?

— É uma estação de pesquisa, e bem pequena, por sinal. Ela estuda da mudança do clima à biosfera local.

— Onde fica? — Michael perguntou ao pegar a xícara de café.

— No Polo Sul. Ou pelo menos o mais próximo que se consegue chegar de lá. É para lá que migram os pinguins Adélie.

A xícara de café parou no ar e Michael não conseguiu conter a ansiedade.

— Levei meses para armar isso — Gillespie prosseguiu — e conseguir a aprovação necessária. Você não imagina a papelada e a burocracia que é necessário enfrentar para conseguir mandar alguém para lá. A NSF faz a CIA parecer amigável. Mas agora conseguimos a permissão para enviar um repórter para Point Adélie por um mês. Estou pensando em dar oito ou dez páginas de reportagem com fotos coloridas e entre três mil e quatro mil palavras de texto. O pacote completo.

Michael tomou um pequeno gole do café para pensar por um instante.

— Vou te poupar o trabalho de perguntar — disse Gillespie. — Pagaremos o de sempre pelo texto, mas vou dar uma subida no valor das fotos. Além disso, as despesas são por nossa conta, dentro do aceitável, é claro.

Michael ainda não sabia o que dizer ou pensar. Havia muita coisa rolando na cabeça. Ele não trabalhava — sequer tinha pensado em trabalhar — desde o acidente nas Cascades e não tinha certeza se estava pronto para retomar a velha vida. Mas, em parte, tinha ficado ligeiramente ofendido; o projeto vinha sendo planejado havia meses e só agora Gillespie tocara no assunto com ele?

— Qual é o prazo final? — perguntou, só para ganhar tempo.

Gillespie recostou-se, parecendo discretamente contente, como um pescador que sentiu um puxão na linha.

— Bem, esse é o problema. Você tem que partir na sexta-feira.

— Esta sexta?

— Sim. Não é fácil ir para lá. Você vai ter que voar até Santiago, no Chile, e depois para Puerto Williams. De lá pega um navio quebra-gelo da Guarda Costeira até onde a geleira permitir, e então um helicóptero te leva pelo resto do caminho. A janela de oportunidade é bem pequena e o tempo pode ficar ruim a qualquer momento. Agora é verão no Hemisfério Sul, então haverá dias em que a temperatura deve ficar só um pouco abaixo de zero.

Michael finalmente decidiu perguntar.

— Por que não me falou antes?

— Eu sabia que você não estava interessado em trabalhar por agora.

— Quem foi?

— Quem foi o quê?

— Ora, vamos, Joe. Se você estava armando isso há meses, já devia ter escolhido alguém para o trabalho.

— Crabtree. Era ele que ia fazer.

Crabtree outra vez. O cara estava sempre no cangote de Michael tentando roubar suas pautas.

— Então por que ele não vai?

Gillespie deu de ombros.

— Tratamento de canal.

— O quê?

— Ele tem que fazer tratamento de canal e ninguém pode ir a Point Adélie sem estar com a saúde em dia. Especialmente nesse caso, porque não há dentista na estação. Você tem que apresentar um atestado do seu dentista dizendo que está tudo em ordem.

Michael não acreditou no que ouviu. Crabtree perdeu a pauta por causa de um problema de dente?

— Então, por favor — disse Gillespie inclinando-se para a frente —, me diga que não tem cáries e que as obturações estão no lugar.

Michael instintivamente passou a língua pelo interior da boca.

— Até onde eu sei.

— Ótimo. Então só restou a grande questão. O que acha, Michael? Está pronto para colocar a coleira de novo?

Essa era de fato a grande questão. Se tivesse sido feita na noite anterior, a resposta provavelmente teria sido não e não ligue de novo. Mas algo se mexia

dentro dele, uma coisa que não podia negar — um lampejo da velha empolgação. A vida inteira ele sempre tinha sido o primeiro a aceitar qualquer desafio, a escalar o penhasco íngreme, a pular de bungee jump da ponte e a mergulhar no fundo do recife de coral. E embora tivesse mantido o sentimento preso nos últimos meses, ele estava crescendo de novo. Michael olhou para a foto de satélite no topo da pilha — de cima, a base parecia com um bando de vagões de trem, espalhados por uma planície gelada perto de um litoral rochoso e sem vida. Era uma imagem sinistra, mas que o atraía como se fosse uma praia no Brasil.

Gillespie observava atentamente, esperando. Uma rajada de vento fez a chuva bater contra a janela da lanchonete.

Algo começou a se mexer dentro da cabeça de Michael. Pousou os dedos sobre a foto granulada. Sempre podia dizer não, voltar para casa e... o quê? Tomar mais uma cerveja? Ficar se martirizando? Jogar fora um pouco mais da sua vida para compensar o que tinha acontecido com Kristin, ainda que não conseguisse enxergar nenhuma compensação? Ou então podia aceitar. Olhou para a próxima foto da pilha. Tinha sido tirada no nível do solo e mostrava um barracão apoiado em blocos de concreto um pouco acima do gelo. Seis focas estavam deitadas ao redor como banhistas.

— A gente tem tempo para uma torta antes? — Michael perguntou e Gillespie chamou a garçonete, após bater com a palma da mão na mesa em triunfo.

— Uma rodada de torta de limão com merengue! — gritou.